

Capítulo 2

Relato de Experiência: A Arte-Educação e Educação do Campo – Programa de Rádio Momento de Roça

Paulo Sérgio Maroti¹

Introdução

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente. As trocas de influências entre meios muito diferentes não são menos indispensáveis que o enraizamento no ambiente natural. Mas um determinado meio deve receber uma influência exterior, não como uma importação, mas como um estimulante que torne sua própria vida mais intensa. As importações exteriores só devem alimentar depois de serem digeridas. E os indivíduos que formam o meio, só através dele as devem receber.

(Simone Weil, org. Ecléa Bosi, 1979)

Este trabalho apresenta a experiência do projeto de extensão universitária Momento de Roça. Transmitido via rádio, o projeto busca aproximar e sensibilizar os ouvintes sobre a importância do ambiente

1. Biólogo, professor do LEDUCARR (habilitação em Ciências da Natureza e Matemática), UFRR, Boa Vista – RR. e-mail: paulo.maroti@ufrr.br.

rural, buscando promover um processo de “enraizamento”, ou melhor: “reenraizamento” com o campo. É um espaço que talvez ecoe na memória de quem viveu ou ainda vive no meio rural, remetendo a histórias, estórias, contos, repentes, músicas e prosas compartilhadas ao redor de uma floresta, uma fogueira ou um fogão a lenha. De alguma forma, este momento pode evocar ou reevocar a memória sensitiva, digna das “madeleines de Proust”²² (Proust, 2006, p. 48), mas aqui relacionada especificamente à paisagem rural.

Vinculado ao curso de graduação em Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR), tanto na ênfase em Ciências da Natureza e Matemática (CNM) como nas Ciências Humanas e Sociais (CHS), o projeto “Momento de Roça” se insere, mesmo que indiretamente, nessa realidade. Muitos de nossos alunos do LEDUCARR, em algum momento de suas vidas, compuseram a paisagem rural, alguns de forma intensa, outros de maneira mais superficial.

Ao ser estruturado, o programa “Momento de Roça” buscou estabelecer ou restabelecer esse contato, o que chamo de “reenraizamento”, por meio de ritmos e canções que retratam o campo, o interior e o universo rural. Para isso, utilizamos a harmônica viola de dez cordas, que Vilela (2015, p. 121) considera a porta-voz do homem rural. Nosso objetivo com essa experiência é justamente confirmar ou negar essa afirmação.

A música caipira, que narra histórias/estórias do e sobre o campo – é descrita pelo jornalista José Hamilton Ribeiro, em seu livro *Música Caipira: as 270 maiores modas*, como aquela baseada na viola, nos ritmos tradicionais consagrados do gênero rural (Ribeiro, 2015, p. 32).

2. As *madeleines* de Proust, são uma referência ao famoso episódio do livro *Em Busca do Tempo Perdido* (*À la Recherche du Temps Perdu*, no título original) de Marcel Proust. Nele, ao provar um gole de chá com migalhas de uma madeleine, o narrador é **involuntariamente transportado** de volta à sua infância em Combray, na França. Este acontecimento é um marco nos estudos sobre a memória, exemplificando a **memória do paladar, memória involuntária ou memória sensitiva**. No contexto deste trabalho, a menção às madeleines serve para ilustrar como certas **experiências sensoriais**, como o paladar, ou, mesmo, de ouvir uma moda em toada de viola que remete a espaços, estórias, histórias, contos e paisagens do rural.

Nos últimos quatro anos (2022-2025), o programa Momento de Roça tem se desenvolvido, incorporando diversas vertentes que vão da extensão universitária à arte-educação e à educomunicação. Entendemos “roça” a partir da definição do folclorista Câmara Cascudo como um “terreno plantado de mandioca, de terra para farinha. Na acepção do terreno para plantio” (Cascudo, 2001, p. 784). Portanto, aqui, a roça serve como uma alusão a um espaço para florir e semear ideias.

A coordenação deste programa de rádio só foi possível por sua vinculação à extensão universitária. Minha formação não é em jornalismo tão pouco radialismo, mas como professor da Educação do Campo, especificamente em disciplinas como ecologia, agroecologia e educação ambiental. Além disso, a paixão e o aprendizado contínuo da viola caipira nas horas vagas foram fundamentais, auxiliando-me imensamente na arte de pesquisar ritmos e cantigas violadas, além de narrar e estruturar o programa.

A meta principal na construção deste relato de experiência foi a possibilidade de resgatar ou restabelecer laços com a ruralidade — tanto a minha quanto a dos ouvintes do programa de rádio. Busquei, assim, propiciar ou repropiciar possíveis vínculos (o “reenraizamento”) com a rica cultura do campo.

Para Veiga (2004, p. 58), cidade e campo se entrelaçam: a cidade se encarrega do lazer e do trabalho, enquanto o campo oferece liberdade e beleza. No mesmo texto, o autor aprofunda essa discussão, apresentando três perfis de ruralidade, foco desta experiência: a) A vertente agri-ruralista destaca a renovação do contrato entre agricultores e sociedade do século XX. Ela enfatiza a necessidade de práticas multifuncionais que atendam às novas demandas sociais, abrangendo desde alimentos saudáveis e lazer ao ar livre até a pureza da água potável e a beleza das paisagens naturais; b) A vertente utilitarista aponta para a possibilidade de explorar as vantagens competitivas que os espaços rurais oferecem para negócios imobiliários, sejam residenciais, turísticos, esportivos, artísticos ou outras formas de recreação; c) A vertente hedonista, mais presente neste trabalho, enfatiza a dimensão cultural do campo.

Nesse contexto de um programa de rádio extensionista, o conceito de extensão rural que adotamos é o de Bordenave (1983, p. 7):

As inúmeras práticas de extensão rural são um conjunto de ações que, através do ensino informal, podem promover e apoiar as mudanças ou transformações que possibilitam ao homem do campo passar de uma situação atual insatisfatória para outra mais condizente com suas necessidades e aspirações de desenvolvimento como pessoa, como membro de uma sociedade e produtor rural.

Para Bordenave (1983, p. 8), extensão e comunicação são sinônimos. No nosso contexto, um programa de rádio veiculado na Amazônia Setentrional, mesmo com o avanço das redes digitais e da internet, autores como Santiago e Rocha (2020, p. 156) ainda consideram esse meio de comunicação altamente eficiente no campo da educomunicação. A educomunicação, por sua vez, é compreendida como um conjunto de ações destinadas a: a) integrar práticas educativas ao estudo sistemático da comunicação; b) criar e fortalecer sistemas comunicativos em espaços educativos; e c) melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas (Soares, 2014, p. 2).

Adicionando-se a essa discussão, e considerando os formatos da comunicação e os estilos/escolhas musicais, podemos, de acordo com Martins (1975, p. 103), estabelecer relações associadas a possíveis configurações sociais, especialmente a partir do capítulo “Música Sertaneja: A Dissimulação na Linguagem dos Humilhados”.

Elias & Scotson (1985, p. 195) definem configuração social como o emaranhado de redes de indivíduos interconectados por laços de interdependência. Nessas redes, o comportamento de um só faz sentido em relação ao comportamento dos outros, pois toda atitude produz efeitos sobre as ações dos demais.

Antônio Cândido, em sua obra *Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida* (1973), e José de Souza Martins, em *Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil* (1975), buscaram, através de seus escritos, relatar manifestações artísticas e desvendar a configuração social do campo. Cândido focou no caipira, enquanto Martins se debruçou sobre a música relacionada a esse ser social. Nesse contexto, ambos os autores observaram o êxodo rural do

século XX no país, com a migração de pessoas do campo para a cidade, e suas repercussões no meio cultural.

Para Vilela (2011, p. 121), as mensagens contidas nas manifestações culturais da música rural ou caipira servem como um importante esteio. Elas auxiliam os migrantes a manterem seus valores culturais, mesmo quando submetidos, por força maior, ao “desenraizamento” de seu espaço social durante o êxodo.

O estado de Roraima, e mais especificamente sua capital, Boa Vista, também tem presenciado o fenômeno do êxodo rural, destacando-se pelo intenso crescimento demográfico e físico nos últimos doze anos. Esse aumento é claramente evidenciado pelos dados do Censo: em 2010, Boa Vista contava com 284.313 habitantes (IBGE, 2012), saltando para 423.486 habitantes em 2022. Isso representa um acréscimo populacional de 48,95% na capital durante esse período (IBGE, 2022).

Para diversos autores, abrangendo desde o universo das artes até a sociologia e economia, os principais motivos do êxodo rural são amplamente discutidos. Nomes como Graciliano Ramos, com *Vidas Secas* (1938), e João Cabral de Melo Neto, em seu poema *Morte e Vida Severina* (2007), retratam em suas obras as duras realidades que impulsionam essa migração.

A Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR), da Universidade Federal de Roraima (UFRR), oferece uma abordagem única sobre a ruralidade, distinta de outros cursos de ciências agrárias. Essa perspectiva é impulsionada pela sua metodologia: a pedagogia da alternância. Esse método se divide em dois tempos formativos: a) Tempo Universidade (TU): O aluno permanece na universidade por cerca de quarenta dias, participando de aulas presenciais; b) Tempo Comunidade (TC): O aluno retorna à sua comunidade de origem para aplicar as atividades e os conhecimentos desenvolvidos no TU.

Essa abordagem diferenciada da LEDUCARR facilita a participação de filhos de agricultores e de discentes que já são trabalhadores rurais, alinhando a formação acadêmica com suas realidades.

A ruralidade é um tema central no curso, sendo explorada tanto nas disciplinas quanto nas místicas. As místicas, conforme Bogo (2012, p. 475), são “expressões da cultura, da arte e dos valores do

campo”. Elas são compreendidas como parte integrante da experiência construída na luta pela transformação da realidade social. Por sua vez, a ruralidade é definida por Veiga (2004, p. 41) como:

O que está longe de se resumir a elementos físicos como as paisagens, obras artísticas ou sítios arqueológicos. Ele envolve também bens imateriais, como as tradições locais, saberes artesanais e culinários, ou a própria imagem dos territórios.

Assim, essa imaterialidade das tradições locais, mencionada anteriormente, constitui o objeto de estruturação do programa Momento de Roça, como projeto de extensão universitária. O condicionante a tais aspectos vai ao encontro do que Martins (1975, p. 119) considera: ao contrário do meio urbano, no “meio rural há uma relação muito íntima com a natureza”, sendo essa uma característica fundamental da ruralidade.

Brandão e Borges (2014, p. 6) classificam a ruralidade como expressão cultural como uma cultura híbrida, resultante do somatório de influências da cultura sertaneja, vazanteira, camponesa, nortemineira, quilombola e, aqui em especial, da cabocla. Essa aproximação entre as definições de cultura e ruralidade e a música caipira raiz, ou moda de viola, mani- festa-se como uma expressão de saber.

Contexto em Que Ocorre a Ação

O programa Momento de Roça oferece, em média, sessenta minutos de músicas em toada de viola de dez cordas. Sua proposta é difundir informações sobre questões ambientais, o universo agroecológico e a educação do campo.

Entre 2022 e 2023, o programa foi transmitido exclusivamente pela Rádio Universitária da UFRR (FM 95,9), contando com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da UFRR, via edital Mosaico Cultura (o mais recente sendo o edital n. 11/2024, de 26/02/2024).

Em 2024, o Momento de Roça expandiu sua transmissão, passando a ser veiculado também pela Rádio da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – FM 98,9. Essa inclusão ocorreu após aprova-

ção por meio de um edital da FAI-UFSCar, uma chamada pública para captação de programas radiofônicos de produção independente ou em coprodução com a Rádio UFSCar3 (UFSCar, 2024). Ao entrar em seu quarto ano, em 2025, o programa manteve sua parceria com a Rádio Universitária da UFRR, mas sofreu uma alteração significativa em sua grade: a transmissão foi movida de sábado para as sextas-feiras, às 6h da manhã. A mudança mostrou-se prejudicial, pois desestruturou a base de ouvintes já consolidada, que acompanhava fielmente a programação no antigo horário.

Desde 2011, o curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDUCARR) da UFRR desempenha o papel fundamental de formar professores para as realidades rurais e indígenas de Roraima. Como uma importante frente de diálogo com a sociedade, o programa de rádio Momento de Roça foi desenvolvido para ampliar o alcance do curso. Sua missão é dupla: popularizar a graduação e sua função social, ao mesmo tempo em que trabalha ativamente para desconstruir preconceitos sobre a educação do campo, tanto na comunidade em geral quanto no próprio ambiente universitário.

A transmissão pela Rádio Universitária da UFRR (FM 95,9) cumpre um papel estratégico. Além de reforçar a divulgação do curso, ela contribui significativamente para a programação da rádio ao introduzir a pauta ambiental, um tema até então ausente e de grande relevância social. O programa conta com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão (PRAE) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), por meio do edital Mosaico Cultural, lançado anualmente com o objetivo de apoiar atividades culturais locais.

Metodologia Adotada

A veiculação original do programa ocorria em duas frentes: aos sábados, às 6h, na Rádio Universitária da UFRR, e aos domingos, às 7h, na Rádio Universitária da UFSCar. No entanto, uma reestruturação interna na emissora de Roraima, motivada por desafios de pessoal, levou à alteração da grade a partir de 2025, transferindo a transmissão para as sextas-feiras, no mesmo horário das 6h.

A estratégia de veiculação do programa “Momento de Roça”, em atividade há quatro anos, contempla dois meios principais: a transmissão por ondas de rádio e a distribuição via internet (<https://www.radoroca.online>). A disponibilização online constitui um diferencial, pois viabiliza a mensuração da audiência por meio do monitoramento de acessos, uma funcionalidade inexistente no formato FM tradicional.

O acesso digital é garantido pelos portais das emissoras: a Rádio UFRR, através do site radio.ufrr.br e do aplicativo Rádio Net, e a Rádio UFSCar, pelo domínio radio.ufscar.br. São exibidos na Figura 1 os logotipos oficiais do programa Momento de Roça. As imagens correspondem ao material gráfico divulgado na página do programa ao longo de seus três anos de existência

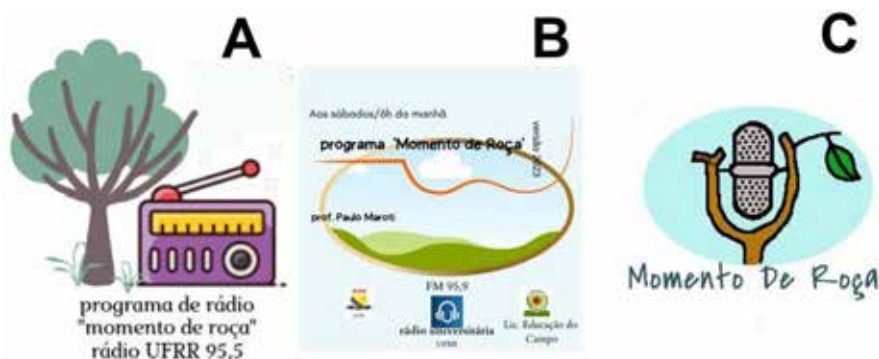


Figura 1 Logotipos do programa de rádio *Momento de Roça* em diferentes períodos: A – 2022, B – 2023 e C – 2024. *Fonte:* Autor do trabalho.

O Que se Aprendeu com a Experiência

Em diversas ocasiões, a identidade musical do Momento de Roça gerou debates. Fui questionado se o uso da viola caipira não seria uma imposição cultural sobre as tradições do Norte. Minha resposta é sempre a mesma: a viola, para mim, é um símbolo. Ela evoca a vida no campo, no interior, em qualquer lugar do Brasil que não seja um grande centro urbano — uma ideia que o professor Ivan Vilela, da USP Ribeirão Preto/SP, explora muito bem. O “interior” de Roraima tem muito em comum com o “interior” de outros estados. Por isso,

veja a viola não como uma imposição, mas como uma ponte cultural. Ela se soma à realidade local para, juntas, combaterem o apagamento da cultura do interior do nosso país, tão ameaçada pelo êxodo rural.

A experiência com o programa Momento de Roça tem sido extremamente gratificante, proporcionando um amplo desenvolvimento técnico — do uso de softwares de áudio à gestão de websites e criação de roteiros.

O aprendizado mais significativo, contudo, foi entender que a consolidação de um programa de rádio é um processo gradual. A continuidade das exibições ao longo de quatro anos, apesar da mudança de dia, foi crucial para que o Momento de Roça se estabelecesse como um importante espaço para a cultura do campo, ocupando um nicho até então vago no cenário radiofônico comercial e universitário de Roraima.

Refletindo sobre os obstáculos do projeto, percebo que eles se manifestaram de duas formas distintas. O primeiro foi a dificuldade em engajar a própria comunidade acadêmica, visível no baixo interesse dos alunos em se tornarem bolsistas, sobretudo no início do projeto. O segundo, e talvez mais profundo, é o desafio de como a identidade sonora do programa é recebida. A música, escolhida para representar o universo rural, nem sempre é bem-aceita, encontrando, em muitos casos, uma clara rejeição que nos leva a questionar as complexas configurações sociais e culturais do nosso público relacionado a este perfil musical e de conteúdo ligado às questões ambientais.

Tal fato me fez levantar hipóteses sobre as raízes dessa rejeição. A música, a roça e o campo ainda parecem evocar, para muitos, a “ideia do atraso”, materializada em figuras como o “caipira” ou o “jeca”. Essa percepção se complexifica ainda mais com associações recentes do gênero musical ao agronegócio e a pautas neoliberais.

Além disso, essa rejeição pode ser um reflexo do próprio êxodo rural. Para quem deixou o campo em busca de “progresso” na cidade, a música pode reavivar memórias de um passado visto como “sofrido” ou “fracassado”. Nesse contexto, negar a música torna-se um mecanismo para esquecer e se afastar dessa dor. É esse complexo leque de questões que, muitas vezes, culmina na negação do conteúdo do programa.

A confirmação dessas hipóteses veio do próprio público-alvo: os alunos da Educação do Campo. Tenho notado que as novas gerações de estudantes, cada vez mais jovens, demonstram maior afinidade com a cultura pop do agronegócio do que com as tradições rurais. A prova definitiva dessa percepção veio de forma espontânea, através do comentário de um aluno que, ao receber o link do programa, o definiu como um “programa de músicas para pessoas idosas”.

Diante desse cenário, a ambição de que o programa promova um “reenraizamento” cultural ou consolide a viola caipira como porta-voz do meio rural para as novas gerações se revela um objetivo de longo prazo. Honestamente, reconhecemos que essa é uma meta que ainda estamos distantes de alcançar plenamente e que exigirá mais anos de exibição e persistência. No entanto, essa dificuldade não diminui, mas sim **reforça** o papel fundamental da extensão universitária via rádio. Em um cenário dominado por emissoras comerciais, a existência de um programa como este representa um contraponto necessário e de grande relevância social, cultural e ambiental.

Agradecimentos – Gostaria de agradecer a todos que apoiaram/apoiam o programa **Momento de Roça**. Meu muito obrigado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis (PRAE) pelo Edital Mosaico Cultural, e claro, aos nossos ouvintes. Agradeço imensamente às rádios parceiras, a Rádio Universitária da UFRR e a Rádio Universitária da UFSCar. Um agradecimento especial vai para a equipe de apoio da Rádio UFRR, em particular para Paulinho e Neto Andrade, por todo o suporte e paciência.

Referências

BOGO, A. Mística. In: Caldart, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; Alentejano, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 475-479.

BOSI, E. **Simone Weil: A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BORDENAVE, J.E.D. **O que é comunicação rural**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C. O lugar da vida - Comunidade e Comunidade Tradicional. **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 9, n. 18, jun. 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/27067>. Acesso em: 17 set. 2023.

CANDIDO, A. **Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 2ª. Ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

CASCUDO, L.C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11 ed. São Paulo: Global Editora, 2001.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cen-**

so Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cen-**

so Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

MARTINS, J.S. **Capitalismo e tradicionalismo**: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo: Pioneira. 1975.

MELO NETO, J.C. **Morte e Vida Severina**. 12. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2007.

PROUST, M. **Em busca do tempo perdido - no caminho de Swann**: Combray. Jorge Zahar Editora. 2006

RAMOS, G. **Vidas Secas**. 88 ed. Rio de Janeiro: Record, 1938.

RIBEIRO, J.H. **Música caipira**: as 270 maiores modas. São Paulo: Global Editora, 2015.

SANTIAGO, A.; ROCHA, P. O começo do radiojornalismo na Amazônia: o mapeamento das primeiras iniciativas nos estados da região Norte. **Revista Latino Americana de Jornalismo**, vol 7, n.1, jan-jun. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343777324_O_COMECO_DO_RADIOJORNALISMO_NA_AMAZONIA_o_mapeamento_das_primeiras_iniciativas_nos_estados_da_regiao_Norte. Acesso em 12 fev. 2023.

SOARES, I.O. Mas afinal, o que é educomunicação?. **Revista do Núcleo de Comunicação e Educação da USP**. Disponível em <<https://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>>. Acessado em: 02 fev. 2023.

VEIGA, J. Destinos da Ruralidade no Processo de Globalização. **Revista Estudos Avançados**, 18(51), 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/6yy4mkhMBxCXdWDKjCRPpYm/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 10 fev. 2023.

VILELA, I. **Cantando a própria história: música caipira e enraizamento**. São Paulo, EDUSP, 2015.

VILELA, I. **Cantando a própria história**. 2011, 351 p. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.